

**IMAGEM E SOM: DESCONCERTO ÁUDIO-VISUAL.** Carolina Cristiani,  
Professor Doutor Pelópidas Cypriano. - Artes – Bacharelado em Música: Composição e  
Regência – Departamento de Artes Plásticas – Instituto de Artes – Campus de São Paulo.

A quantidade massiva de informações que nos atingem atualmente é, no mínimo, “desconcertante”. Digo isso por ser também uma espectadora do mundo, vulnerável a qualquer mídia – seja ela boa ou ruim. Para se chegar a um julgamento de qualquer película utilizamos, inconscientemente ou não, algumas regras.

A pesquisa intitulada “Imagem e som: desconcerto áudio-visual” que faz parte do grupo de pesquisa “Artemídia e Vídeo-Clipe” ([www.cnpq.com.br](http://www.cnpq.com.br)), liderado pelo Professor Doutor Pelópidas Cypriano tem como objetivo proporcionar à prática a teoria que mais se encaixe em sua construção, em prol de ajudar a desenvolver um modelo e um meio de registrar os passos até seu produto final, em específico a mixagem imagem-som.

Cada música transmite uma determinada emoção. Isso pode ocorrer por motivos variados como a época em que a obra foi escrita, as regras harmônicas utilizadas no determinado período, a instrumentação, o local de execução, o executante e até o caráter do compositor. Mas temos, por outro lado, a emoção: algo tão subjetivo e pessoal. Uma música que transmite desalento para mim pode transmitir alegria para outros. E também não podemos nos esquecer que a música necessita ser compatível com as imagens, e acima de tudo atingir o objetivo do diretor.

Um dos primeiros desafios ao unir imagem e som é encontrar igualdade rítmica, ou seja, encaixar uma faixa de música em uma faixa de imagem ou vice-versa. “O papel decisivo é desempenhado pela *estrutura da imagem* da obra, não tanto *usando* correlações geralmente aceitas, mas estabelecendo nas imagens de uma obra *criativa específica* quaisquer correlações (de som e enquadramento, som e cor etc.) que sejam ditadas pela idéia e tema da obra particular.” (Eisenstein, 2002a: 106).

Os métodos para criação de uma obra podem ser tanto do som para a imagem (a imagem ser criada com base na trilha já existente, não importando se é para o todo ou para uma parte, por exemplo, o videoclipe) como da imagem para o som (a trilha é criada partindo da imagem, por exemplo, o filme) ou ambos.

Uma maneira mais prática e um pouco ingênua para resolver o problema expressão/imagem é “rotular” músicas, ou seja, estabelecer o que cada obra transmite para então associá-la com as imagens. Eisenstein cita um trecho de *Aviões vermelhos voam para o Leste* (1938) romance de Piotr Pavlenko, onde o personagem Shershavin conta que conheceu, certa vez, um ex-coronel que lhe disse que os instrumentos soavam “como coragem”. Shershavin, então, começa a tomar nota dos tons e das músicas que lhe transmitiam algum sentimento (por exemplo: afirma que dó maior, si bemol maior e fá maior são tons resolutos e firmes, e que a Canção das Donzelas de Rubstein transmite tristeza enquanto a Abertura da Dama de Espadas de Tchaikovsky transmite amor). Um dia vê o ex-coronel tocando a Dança Macabra de Saint-Saëns – que como o próprio nome diz tem um teor sombrio – e o descreve tocando como: “algo grandioso, inspirado, alegre e animador”... “significava arrebatamento”. Shershavin então conclui que além do coronel não entender nada de música, “apenas forjando alguém se torna ferreiro”.

O vídeo Raio Vívido produzido por Ricardo de Aquino em 2005 para a disciplina História da Arte ministrada pelo Professor Doutor Pelópidas Cypriano, mostra figuras aleatórias associadas com um áudio já conhecido pela população brasileira, o Hino Nacional. A junção desses elementos cria na cabeça do espectador uma terceira conexão. Na teoria ele utilizou uma técnica chamada justaposição, anteriormente explicada e detalhada por Sergei Eisenstein: “tomemos um túmulo, justaposto a uma mulher de luto chorando ao lado, e dificilmente alguém deixará de concluir: uma viúva”. Aquino utiliza-se dessa “fórmula” em seu vídeo mas de maneira mais sutil, pois a justaposição é realizada entre a imagem e o som. Se não existissem as imagens o áudio teria uma interpretação própria e vice-versa, pois se não houvesse som as imagens não teriam nexos ou sentido.

Nesse momento da pesquisa, o orientador indicou a leitura do filme Entr'act e a interação do compositor Erik Satie, sendo essa considerada a primeira peça de composição áudio-visual como entendemos hoje a peça filme. O próximo passo será o aprofundamento em outros autores e teóricos nesse assunto, também realizando análises de animações, filmes do circuito popular e também filmes do circuito alternativo. Concomitantemente às análises, também estarei observando e analisando os trabalhos desenvolvidos por Ricardo de Aquino, sempre tendo em mente ajudá-lo com a teoria e encaixar a que mais se adequa aos seus propósitos.

Sendo essa a minha primeira experiência científica, concluo que ainda há muito a ser aprendido e absorvido tanto sobre o tema do trabalho quanto do mundo científico em si. As experiências vividas até a

presente data foram intensas e gratificantes, e certamente o Congresso o será, aumentando também meu conhecimento quanto pessoa.

### **Referências Bibliográficas**

EISENSTEIN, S. **O Sentido do Filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002a

EISENSTEIN, S. **A Forma do Filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002b

ENTR'ACTE. René Clair. Produção: Rolf de Maré. Roteiro: Francis Picabia e René Clair. Música: Erik Satie. França, 1924. 1 DVD.

MÁXIMO, J. **A música do cinema: os 100 primeiros anos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003